IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CLICANDO NO ÓDIO: A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS MASCULINISTAS PARA AS INFÂNCIAS E ADOLESCÊNCIAS ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

Eixo Temático 36 - RESISTÊNCIAS EDUCATIVAS NAS MÍDIAS DIGITAIS FACE AO CONSERVADORISMO: A TENSÃO ENTRE SABERES E ATIVISMOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES E O AVANÇO DOS DISCURSOS DE ÓDIO E PÂNICOS MORAIS

Isadora Nogueira dos Santos Montenegro[1]
Clara de Paula Santana Jamil[2]

RESUMO

O trabalho visa investigar e problematizar a popularização, entre crianças e adolescentes, de grupos masculinistas nos ambientes virtuais, articulando a temática com a análise da minissérie britânica "Adolescência", da plataforma de *streaming* Netflix, de 2025. O masculinismo se reivindica como um movimento conservador pelos "direitos dos homens" e utiliza as redes sociais como ferramenta para a mobilização e recrutamento de membros, estando crianças e adolescentes mais vulneráveis a tais discursos. Para a análise, utiliza-se uma bibliografia sobre grupos misóginos, articulando com a obra "Adolescência". Pretende-se refletir sobre como esses grupos constituem espaços de discriminação e do aumento do conservadorismo, representando um perigo para as lutas contra o machismo e a homofobia.

Palavras-chave: Conservadorismo; Masculinismo digital; Feminismos; Infância e Adolescência

[1] Formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). isamontped@gmail.com.
[2] Psicóloga (IBMR) e Pedagoga (UERJ). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd). claradepsjamil@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O crescimento dos grupos masculinistas gera preocupações sobre sua influência em crianças e adolescentes. Em construção de identidade, encontram-se mais expostos a discursos de ódio promovidos por homens ressentidos com os avanços sociais, políticos, econômicos, educacionais e no combate à violência de gênero alcançados pelas mulheres. Fruto de mobilização organizada, o movimento feminista busca a emancipação das mulheres das amarras do patriarcado - do sexismo, da misoginia, do racismo, da heteronormatividade e do controle e subordinação dos corpos femininos. Todavia, os progressos conquistados serviram de combustível para a organização de grupos anti feminismo e a retomada do protagonismo masculino. “Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar.” (hooks, 2022, p. 13).

Para a articulação desse trabalho, trouxemos uma perspectiva feminista para elaborar uma discussão a partir da série “Adolescência”, de 2025, da plataforma de *streaming* Netflix. O objetivo é ampliar os debates sobre os impactos das redes sociais no fortalecimento de masculinidades nocivas e as reverberações em crianças e adolescentes. Ideários dos movimentos *red pill, incels* e *manosphere* estão cada vez mais presentes nos ambientes virtuais. Há fóruns, grupos e redes onde, protegidos por pseudônimos, homens podem estimular discursos de ódio para grupos minorizados, como as mulheres. A anonimidade online facilita a criação de *personas* e de masculinidades hostis e ilegais, pouco passíveis de monitoramento (Turton-Turner, 2013; Ging, 2017, p. 5-6).

O meio virtual complexifica ainda mais a questão da violência de gênero, pois, na internet, surgem novas possibilidades de violação através da produção de vídeos, comentários de ódio e exposição de fotos e conversas íntimas. Além disso, o mundo digital rompe barreiras geográficas e de faixa etária; crianças e adolescentes com acesso a dispositivos digitais podem, facilmente, se deparar com conteúdos violentos, não somente nos nichos dos fóruns, mas também por meio de redes sociais, na figura de influenciadores digitais.

Gênero é uma categoria de análise e uma categoria histórica (Saffioti, 2015), que representa o reconhecimento de que o conceito sexo é insuficiente para problematizar e compreender as interações humanas, pois, sexo era usado para se referir as distinções biológicas dos seres humanos, já gênero considera que esses corpos sexuais sofrem práticas sociais, influenciando nos processos de subjetivação, compreensão, representação e hierarquização dessas diferenças físicas.

O "gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica" (Connell, 1995, p.189). As pessoas se reconhecem, performam e se relacionam a partir de fatores que extrapolam as características biológicas; sendo afetados por contextos políticos, históricos, subjetivos e sociais. O gênero é atravessado e criado em conjunto com diversos outros eixos identitários como: classe, raça, etnia, nacionalidade, sexualidade, idade, e também, produzido a partir das interações. Destaca-se, o importante papel que o meio digital vem ocupando nesse processo de constituir e ser constituído a partir das noções de gênero.

Louro (1997), em diálogo com Foucault, escreve sobre a invenção da sexualidade considerando a produção dos discursos que constroem o aceitável socialmente enquanto marginalizam outros corpos e saberes. Esses discursos estruturam a sociedade ao criar padrões do que é normal e anormal, dividir papéis sociais e atravessar e construir subjetividades, tendo o poder de afetar e transformar a identidade das pessoas. Nessa divisão hierarquica, uma pequena parcela social é considerada o padrão, possui o domínio político e econômico: o homem cis branco, heterossexual, ocidental e rico, detentor de privilégios em detrimento da negação dos direitos dos grupos sociais que divergem desses ideais.

Este padrão é criado a partir do antagonismo dos grupos minoritários, assim, a masculinidade hegemônica é construída para ser o oposto do que é considerado feminino, trans ou homossexual. E nessa era de globalização e aumento exponencial do acesso à internet e a tecnologias, esses padrões e preconceitos espalham-se rompendo fronteiras

territoriais e culturais. No antagonismo, o ser homem se constitui pelo constante esforço de eliminar quaisquer características que se assemelham a ideia de feminilidade ou homosexualidade, como: sensibilidade, choro, afazeres domésticos e de cuidado, questões de saúde mental e prazer anal.

O ideal padrão de homem cishetero se constrói e se solidifica a partir do medo e do ódio. Assim, o homem se reafirma e busca validação da própria masculinidade a partir de práticas de preconceito, misoginia e brutalidades que o afaste de qualquer comparação ao ser mulher e ao ser *queer*. Essa divisão dicotômica suscita ódio aos movimentos feministas e *queers*. No Brasil, um exemplo desse antagonismo para a construção de uma masculinidade se manifesta na narrativa bolsonarista, tendo o ex-presidente Bolsonaro como uma figura central em um movimento conservador da extrema direita.

> acreditamos que a "oração" do "imbrochável, incomível e imorrível", mais do que reafirmação dos valores caros à masculinidade hegemônica do bolsonarismo e da extrema direita no mundo ocidental (....) o bolsonarismo revela justamente contrário: sua agonia pavor face à sua masculinidade frágil e insegura. Nessa inteligibilidade normativa, trata-se de repetir à exaustão para convencer si mesmo e ao outro de que o ficcional é a realidade. (Assunção, Oliveira, 2024, p. 27-28)

O conceito de masculinidades estuda os padrões e as maneiras de ser e se entender o homem na sociedade. Diz respeito às representações simbólicas do masculino, a posição social do homem, aos discursos de masculinidades e as mais variadas relações: homens com homens, mulheres e homens e, masculinidades hegemônicas com masculinidades dissidentes.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho baseia-se em uma abordagem de natureza qualitativa, com ênfase na revisão bibliográfica. Como interlocução teórica, utilizam-se os trabalhos de hooks (2022), Connell (1995), Louro (1997) e Saffioti (2015). A revisão deu-se por meio da busca de artigos e livros pertinentes para elucidação de conceitos como *red pill*, *incels* e *manosphere*, além de uma abordagem feminista para pensar novas possibilidades de masculinidades saudáveis.

DISCUSSÃO

Gravada em plano-sequência, a série "Adolescência" (*Adolescence*, no original em inglês), retrata uma cidade interiorana da Inglaterra onde uma menor é encontrada morta e o principal suspeito é Jamie, de treze anos. Numa trama que envolve suspense e drama, "Adolescência" aborda o comportamento de menores nas redes sociais e o desconhecimento dos responsáveis sobre a vivência e as consequências do mundo virtual. Em quatro episódios, a minissérie apresenta a problemática da popularização dos grupos de ódio organizados por homens e direcionado, principalmente, às mulheres e a população *queer*.

Em dado momento da obra, somos apresentados a conceitos como *redpill*, *incels* e *manosphere* (manosfera). Para Ging (2017), a manosfera é um ecossistema que atua no campo digital, organizados em comunidades virtuais cujo objetivo é disseminar discursos de ódio contra mulheres e outras minorias. Dentro deste universo, existem subgrupos que se distinguem pelo modo de atuação, pelas abordagens adotadas e pela forma como constroem seus papéis dentro da masculinidade hegemônica. Todavia, para a escrita deste trabalho, serão destrinchadas as comunidades mencionadas na série "Adolescência".

Os redpills são os homens que tiveram a "revelação" de que, na verdade, as mulheres são os indivíduos socialmente favorecidos. Para eles, o feminismo é responsável por disseminar ideias progressistas que oprimem a classe masculina (Ging, 2017). Usando como referencial o filme "Matrix" (1999), tomar a pílula vermelha significa enxergar o mundo como ele realmente é, enquanto tomar a pílula azul significa permanecer na ignorância. Os redpills organizam-se de maneira a "despertar" outros homens para a realidade de opressão que as mulheres e os avanços feministas subjugaram à classe masculina. "A filosofia da red pill afirma despertar os homens para a suposta misandria e lavagem cerebral promovidas pelo feminismo, sendo este o conceito-chave que une todas essas comunidades." (Ging, 2017, p. 3).

O termo incel provém de *"involuntary celibate"*(celibatários involuntários). São homens cujas características físicas, comportamentais e financeiras são repulsivas às

mulheres, dessa forma, são condenados ao ostracismo no campo sexual e romântico. “Seguindo a perspectiva de Natalie Wynn (2018), de algum modo, incels seriam fruto de uma frustração com as expectativas sexuais geradas pelos grupos que pregam "a pegação" de mulheres” (Vilaça; D’Andréa, 2021, p.430).

Na manosfera, os homens são classificados em dois tipos - alfas e betas. Os alfas constituíssem como representação do que a masculinidade deveria ser. Os homens alfas possuem características estéticas e comportamentais que atraem as mulheres. São homens bem sucedidos financeiramente e possuem boa aparência. Por isso, são capazes de desempenhar dominância perante as mulheres. É o objetivo a ser alcançado pelos homens ressentidos pelo desinteresse feminino. Em contraste, está a masculinidade beta, cujo os homens são vistos como fracos, impossibilitados de exercer poder. Existe nesta comunidade discursos que os apresentam enquanto vítimas, uma vez que a sociedade, sobretudo as mulheres, são as responsáveis pelo fracasso deles.

Em “Adolescência”, Jamie Miller é acusado de assassinar sua colega de classe, Katie Leonard. Apesar do desespero do menino diante da acusação e sua declaração enquanto inocente, o telespectador descobre, ainda no primeiro episódio, que Jamie é o responsável pelo crime. A trama a seguir busca entender a motivação. Nos episódios posteriores, percebe-se que Jamie tem uma percepção negativa de si mesmo, acreditando ser fisicamente pouco atraente. O garoto vivencia um episódio de rejeição pública por parte de Katie, sendo chamado de *incel* pela estudante. No contexto da manosfera, Jamie é considerado beta, homem cujo as características não despertam o interesse das mulheres. A baixa autoestima de Jamie e a rejeição de Katie tornam-se fatores potencializadores da radicalização online do adolescente, que culmina, então, na morte de Leonard.

Segundo hooks, a problemática está no sexismo, e não nos homens, entendendo que a masculinidade hegemônica é, também, prejudicial a eles. “Garotos são com frequência sujeitados a abusos quando seu comportamento não está em conformidade

com noções sexistas de masculinidade" (hooks, 2022, p. 113). Ainda em diálogo com hooks, o feminismo constitui-se como o movimento central para a superação do patriarcado, visto que "a alma da nossa política é o comprometimento com o fim da dominação." (hooks, 2022, p.149). É preciso subverter as noções atuais que possuímos dos homens e das masculinidades, na busca por representações mais positivas

Na contracorrente do masculinismo hegemônico, existem grupos que visam masculinidades mais saudáveis. No Brasil, no município do Rio de Janeiro, a vereadora Thais Ferreira (PSOL) propôs o Projeto de Lei Nº 342/2025, que discute e trata da promoção de masculinidades que divergem das noções dominantes. Intitulado "Política Municipal de Promoção de Masculinidades Saudáveis e Antissexistas", o projeto é uma importante iniciativa para a proteção da comunidade carioca por pensar no masculinismo hegemônico como fator contribuinte para desafios como "violências de gênero, homofobia, capacitismo, racismo e à intimidação sistemática (bullying)" (Art 2º, Verso III).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das conquistas do movimento feminista, percebe-se os avanços nas discussões que circundam a vivência das mulheres. Em reação aos progressos, homens ressentidos veem o ambiente virtual como espaço seguro para manifestarem suas mágoas, gerando comunidades de ódio. Organizados em distintos grupos, os homens da manosfera destilam preconceitos contra minorias sociais. Os crimes de ódio cibernéticos são violentos e potencialmente destrutivos, uma vez que podem culminar em outras violações, como na minissérie "Adolescência". Resultado da masculinidade hegemônica que valoriza a dominação e o uso da violência, grupos masculinistas apontam as mulheres como indivíduos subalternos aos homens. Para manter crianças e adolescentes seguros, sendo meninas e meninos, o feminismo é a resposta para as problemáticas abordadas neste trabalho e, ainda, para a promoção de uma masculinidade saudável.

> "Garotos precisam ter a autoestima saudável. Eles precisam de amor. E políticas feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos. O patriarcado não vai curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem" (hooks, 2022 p. 108).

Diante desse cenário, é preciso reafirmar que grupos masculinistas não se constituem por um acaso, são respostas desconectadas da realidade para crises identitárias e de pertencimento do homem no mundo contemporâneo. “Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem tirados, já que não estruturam qualquer identidade essencial significante” (hooks, 2022, p. 107). Logo, é urgente o fomento de debates mais amplos sobre masculinidades que perpassem o acolhimento a diversidade e a equidade de gênero. Só assim pode-se vislumbrar formas de viver mais livres e emancipatórias para todos.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Carlos e OLIVEIRA, Esmael.“Imbrochável, incomível e imorrível”: Uma análise do bolsonarismo à luz das masculinidades. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S. l.], v. 7, n. 22, 2024. DOI: 10.29327/2410051.7.22-7.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvi Libanio. 18. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

CONNELL, Robert William.Políticas Da Masculinidade.Educação & realidade,Porto Alegre,20(2),p.185-206,1995.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. Men and Masculinities, 2017. p. 1-20.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós - estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. Projeto de Lei nº 342, de 2025. Institui a Política Municipal de Promoção de Masculinidades Saudáveis e Antissexistas. Rio de Janeiro, 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero patriarcado violência. 2ª. ed., São Paulo: Expressão Popular: Fundação Abramo. 2015.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2, p. 410- 440, 2021.